



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Geociências, Instituto de Artes e
Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo

LUCIANA ARICO RATHSAM

NEGACIONISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA: NEM TUDO É *FAKE*

CAMPINAS

2021

LUCIANA ARICÓ RATHSAM

NEGACIONISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA: NEM TUDO É *FAKE*

Monografia apresentada ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Científico.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA APRESENTADA PELO ALUNA LUCIANA ARICÓ RATHSAM, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. GERMANA FERNANDES BARATA.

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Geociências
Marta dos Santos - CRB 8/5892

R188n Rathsam, Luciana Aricó, 1972-
Negacionismo em tempos de pandemia : nem tudo é *fake* / Luciana Aricó Rathsam. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Germana Fernandes Barata.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Covid-19. 2. Desinformação. I. Barata, Germana Fernandes, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Geociências. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

COVID-19 (Disease)

Disinformation

Titulação: Especialista em Jornalismo Científico

Banca examinadora:

Germana Fernandes Barata [Orientador]

Natália Martins Flores

Rodrigo Bastos Cunha

Data de entrega do trabalho definitivo: 31-03-2021

RESUMO

O negacionismo e a desinformação proliferaram-se durante a pandemia do Coronavírus (Covid-19), espalhando mensagens que contrariam as orientações da ciência e agravam a crise no país. A proposta deste trabalho é, a partir de reflexões sobre o negacionismo científico e sua manifestação durante a pandemia, realizar produtos que possam contribuir para a compreensão desse fenômeno e de seus desdobramentos. Foram realizadas três reportagens jornalísticas e uma animação sobre o negacionismo que pontua alguns elementos abordados nas reportagens, explorando os recursos audiovisuais para atrair a atenção e convidar os espectadores a lerem as reportagens e aprofundarem as reflexões sobre o tema. Como referência para a elaboração das pautas e do roteiro, foram consultados artigos científicos sobre o negacionismo científico e a desinformação na pandemia. A proposta é divulgar os produtos deste trabalho em revistas eletrônicas, sites e redes sociais, uma vez que a internet constitui o meio preferencial de disseminação de desinformação.

Palavras-chave: Covid-19. Desinformação.

ABSTRACT

Denialism and misinformation proliferated during the coronavirus (Covid-19) pandemic, spreading messages that contradict scientific guidelines and aggravate the crisis in the country. Based on reflections on scientific denialism and its manifestation during the pandemic, this work aims to elaborate products that can contribute to the understanding of this phenomenon and its consequences.

Three journalistic reports and an animation about denialism were produced, exploring audiovisual resources to attract attention and invite viewers to read the reports. As a reference for the elaboration of the guidelines and the script, scientific articles about scientific denialism in the pandemic were consulted. The proposal is to disseminate the products of this work in electronic magazines, websites and social networks, since the internet is the preferred means of disseminating misinformation.

Key-words: Covid-19 (Disease). Disinformation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Negacionismo.....	9
1.2. Nem tudo é <i>fake</i> : estratégias para enfrentar a desinformação.....	10
2. OBJETIVOS	11
3. RESULTADOS.....	11
4. REFERÊNCIAS.....	13
APÊNDICE 1 – Reportagem 1.....	15
APÊNDICE 2 – Reportagem 2.....	19
APÊNDICE 3 – Reportagem 3.....	22
APÊNDICE 4 – Roteiro.....	26

1. INTRODUÇÃO

Durante a pandemia, as incertezas da população em relação à doença e às formas de prevenção foram acentuadas pela disseminação de conteúdos falsos pela internet. Controvérsias naturais no processo de construção científica foram usadas no decurso da pandemia para minar a confiança na ciência, reforçar preconceitos sobre a falta de consensos científicos e relativizar recomendações aceitas majoritariamente pelos cientistas, dificultando a adesão da população aos protocolos de prevenção e tratamento. O Governo Federal participou do processo de agravamento da crise de inúmeras maneiras, incluindo a negação ou minimização da doença, a omissão em traçar estratégias nacionais de ação, o incentivo a tratamentos terapêuticos sem validação científica, a rejeição à vacina e a subnotificação de casos. A descrença na ciência é particularmente nociva quando os recursos para a pesquisa e desenvolvimento de ciência e tecnologia tornam-se cada vez mais escassos, sofrendo sucessivos cortes orçamentários nas esferas federal e estadual.

O contexto atual de crise sanitária, disseminação da desinformação e desmonte da ciência evidencia a importância do engajamento da sociedade na defesa da ciência e dos princípios democráticos. Nesse sentido, torna-se imprescindível a compreensão de processos que influenciam a opinião pública e o desenvolvimento de estratégias de comunicação científica que possam de fato aproximar a ciência e os cidadãos.

A pandemia destacou a importância da ciência para a sociedade e deu foco à atuação de cientistas e instituições de pesquisa e desenvolvimento ligadas à área da saúde, mas também expôs o negacionismo e sua nocividade. Resultados de pesquisas científicas que deveriam orientar as políticas de saúde e esclarecer a população foram desprezados, em nome de uma política de negação ou minimização da doença.

A gravidade das consequências do negacionismo na pandemia evidenciou a urgência de enfrentar esse problema. Cientistas e instituições de todo o país concentraram esforços para criar espaços de informação e divulgação científica em plataformas e redes sociais, promoveram webinários e conferências, realizaram

campanhas pela vacina e contra a desinformação, entre outras ações. Pesquisadores e *influencers* se dedicaram à comunicação científica, ganharam espaço em redes sociais e na mídia. O site [ciência popular](#), que mapeia algumas iniciativas das Universidades brasileiras na pandemia, registrava, em 15 de março de 2021, 535 iniciativas de disseminação de informações e divulgação científica realizadas pelas Universidades na pandemia.

Os esforços de divulgação e popularização da ciência são fundamentais para o engajamento da sociedade em relação aos conhecimentos científicos. Também é importante esclarecer a população acerca das armadilhas do negacionismo, e esse trabalho busca contribuir nesse sentido. Embora o termo “negacionismo” esteja bastante difundido e tem sido amplamente usado para denunciar determinadas concepções e posturas (em relação à vacina, à doença e etc.), o conceito é bastante abrangente. O projeto se propõe a trazer à reflexão o processo de construção da desinformação, suas motivações, sua extensão e as consequências desse fenômeno para ciência, a sociedade e a democracia, por meio de reportagens jornalísticas e de uma animação, conforme detalhado no Capítulo 2 deste trabalho. Para a elaboração das pautas de reportagem e do roteiro da animação, foram consultados alguns artigos científicos sobre o negacionismo na pandemia.

O uso da animação como um meio de explorar a linguagem audiovisual justifica-se pelo reconhecimento da importância dessa linguagem na cultura contemporânea e em especial na internet, palco preferencial da disseminação de desinformação. Busca-se assim utilizar a forma de comunicação privilegiada nas redes sociais, para estabelecer o diálogo com o público não somente através da comunicação verbal, mas por meio da interação de signos verbais, sonoros e imagéticos. Alguns sites dedicados à informação sobre o Covid-19 que utilizam a estratégia de usar recursos audiovisuais para a divulgação em redes digitais e que serviram de inspiração para o projeto, como o site da [força tarefa da Amerek \(UFMG\)](#), a página “[Se liga no corona](#)”, da Fiocruz e o portal da campanha [#todos pelas vacinas](#).

A divulgação das peças textuais e do audiovisual (APÊNDICES 1, 2, 3 e 4) será feita por meios de comunicação já consolidados, como o Jornal da Unicamp, além do compartilhamento nas redes sociais.

1.1 Negacionismo

O negacionismo consiste na elaboração de argumentos retóricos para rejeitar um consenso científico, simulando ser legítimo um debate inexistente. Esse processo que pode ter motivações diversas, como interesses econômicos ou políticos, por posturas ideológicas ou religiosas, ou mesmo por excentricidade ou idiossincrasias (DIETHELM; MCKEE, 2009). A “controvérsia manufaturada”, que por definição seria uma falsa controvérsia, é construída propositadamente, por meio da insinuação de incertezas sobre algo amplamente aceito pela comunidade científica. Essa estratégia eventualmente é usada para evitar a adoção de políticas embasadas em descobertas científicas (CECCARELLI, 2020).

O negacionismo não é um fenômeno recente. Ele se expressa, por exemplo, na defesa do terraplanismo, na rejeição à teoria da evolução, na recusa em aceitar que o homem chegou à lua, na criação de uma falsa polêmica em relação ao consenso dos cientistas a respeito das mudanças climáticas. Na área da saúde, exemplos históricos incluem a rejeição às informações científicas sobre a relação entre o HIV e a AIDS, como feito por Thabo Mbeki, presidente da África do Sul (1999-2008), para justificar sua política de não distribuir antiretrovirais na rede pública de saúde, ou no esforço empregado pela indústria de tabaco para rechaçar as evidências sobre os efeitos cancerígenos do cigarro, ou nos movimentos antivacina.

Com a internet e as redes sociais, o negacionismo ganha uma nova dimensão. Pela rede proliferam-se, em velocidade exponencial, textos, áudios e vídeos com mensagens falsas, produzidas para atrair e desinformar o público, suscitando falsas polêmicas e provocando dúvidas sobre informações factuais. Mensagens com argumentos falsos que se alinham às convicções políticas, crenças e valores pessoais têm maiores chances de adesão e compartilhamento (DOURADO, 2020; CASTELFRANCHI, 2020). A desinformação então é moldada e consolidada pela propagação deliberada de informações falsas por governantes, grupos que ocupam o poder e pela sociedade em geral, pela disseminação de boatos que muitas vezes traduzem sentimentos preocupações e preconceitos latentes.

Ao longo da pandemia, cientistas do mundo todo têm unido esforços para compreender o vírus e suas ações no organismo, as formas de prevenir a

contaminação, as vacinas e os tratamentos dos doentes. Paralelamente, trava-se uma batalha contra a desinformação.

Uma rápida busca do termo “COVID” no Google gera mais de 6 bilhões de resultados. A multiplicação exponencial de informações relacionadas a um assunto específico, como a pandemia, é um fenômeno amplificado pelas redes sociais e gera desinformação. Conforme a OMS, o surto de COVID-19 e a resposta a ele têm sido acompanhados pela “infodemia”: um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que torna difícil encontrar orientações confiáveis e fontes idôneas (OPAS, 2020).

1.2 Nem tudo é *fake*: estratégias para enfrentar a desinformação

O emprego do termo ‘*fake news*’ para designar as falsas notícias, a despeito de ser amplamente difundido, ou mesmo em razão dessa ampla adesão, é alvo de polêmica. Alguns autores o consideram impreciso e ambíguo, ou rejeitam o termo por ele ter sido apropriado por políticos ao redor do mundo para desacreditar jornalistas e órgãos de imprensa (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Outra crítica é a de que ele não dá conta de explicar a complexidade do cenário informacional e não distingue se a intensão de enganar está por trás das mensagens falsas (GITAHY, 2020).

Há um intenso debate sobre as estratégias a serem adotadas para enfrentar o negacionismo e a disseminação de conteúdos falsos na internet. As possíveis soluções passam pela combinação de estratégias de mídia, medidas regulatórias, tecnológicas, sociais e educacionais, como o desenvolvimento de técnicas de detectar e evitar a disseminação de desinformação em plataformas digitais, a identificação de fontes e autores das desinformações e a educação para o desenvolvimento de um pensamento crítico, de forma que as pessoas possam avaliar a credibilidade das informações e compreender o poder de manipulação das imagens, entre outras medidas (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). Pascal Diethelm e Martin McKee (2009) propõem a adoção de uma estratégia de enfrentamento que não privilegia a discussão do assunto da polêmica, mas a identificação e exposição das táticas empregadas pelos negacionistas para tentar convencer o público.

Para reduzir a desinformação nas redes também é preciso encontrar formas de se atingir públicos diversos, incluindo aplicativos onde as mensagens

viralizam. Isso exige o desenvolvimento de estratégias e linguagens adequadas, mais voltadas para a divulgação científica e a apropriação social (CASTELFRANCHI, 2020).

2. OBJETIVOS

O objetivo principal deste trabalho é, a partir de reflexões sobre o fenômeno de negacionismo científico e de sua manifestação durante a pandemia, realizar produtos de divulgação e jornalismo científico que possam contribuir para a compreensão sobre o negacionismo e seus desdobramentos.

Os objetivos específicos envolvem a produção de três reportagens textuais que abordem criticamente os seguintes temas: o negacionismo científico, a disseminação da desinformação na pandemia e a ameaça de desmonte da ciência. Busca-se também explorar o recurso audiovisual para a produção de uma animação sobre o negacionismo, como um *teaser* que trará alguns dos temas abordados nas reportagens (como vacina, ciência, desinformação, crise, direitos humanos e democracia), convidando os expectadores refletirem sobre essas conexões e aprofundarem seus conhecimentos nas reportagens.

3. RESULTADOS

Os produtos elaborados para esse trabalho são resumidos a seguir:

- Reportagem 1 (APÊNDICE 1) : “Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância”. Aborda aspectos da história do negacionismo e algumas de suas características, bem como os possíveis interesses que motivam a manipulação de controvérsias. Fontes: Dominichi Miranda de Sá (Fiocruz), Marcos Napolitano (USP) e Yuriy Castelfranchi (UFMG).
- Reportagem 2 (APÊNDICE 2): “Cientistas estudam a produção da ignorância e unem esforços para combatê-la”. Aborda alguns estudos sobre a desinformação na pandemia e algumas iniciativas de combate à desinformação conduzidas na internet. Fontes: Leandro Tessler (Unicamp), Priscila Muniz de Medeiros (Ufal), Renan Leonel (ETH Zurich) e Flavia Ferrari (Observatório Covid-19).

- Reportagem 3 (APÊNDICE 3): “Negacionismo e a política de desvalorização da ciência”. Com enfoque nas ameaças à ciência, a reportagem aborda as relações entre negacionismo, neoliberalismo e a redução dos investimentos em ciência. Fontes: Ana Lúcia Gonçalves da Silva (Unicamp), Claudia Linhares Sales (UFC e SBPC) e Sandra Caponi (UFSC).
- [Animação](#) (APÊNDICE 4: Roteiro). Produzido a partir das consultas às referências elencadas neste documento, a animação traz alguns elementos que são aprofundados nos textos.

A animação e as reportagens produzidas para esse trabalho têm publicação prevista para as edições de abril de 2021, no Jornal da Unicamp. A ideia é fazer a divulgação simultânea da animação e das reportagens nas redes sociais, para atrair o público para as reportagens.

Ao longo do curso de especialização foram também elaboradas e publicadas na revista ComCiência algumas reportagens relacionadas a temas que têm sido alvo de negacionismo, relacionadas a seguir:

POMPEU, Daniel e RATHSAM, Luciana. Pesquisas buscam manter a produtividade da agricultura diante das mudanças climáticas. ComCiência, dossiê 212_Crise climática. Nov/2019. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/pesquisas-buscam-manter-produtividade-da-agricultura-diante-das-mudancas-climaticas/>>.

RATHSAM, Luciana. A censura é uma herança que não foi superada no Brasil. ComCiência, dossiê 213_Livros. Dez/2019. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/censura-e-uma-heranca-que-nao-foi-superada-no-brasil/>>.

RATHSAM, Luciana. Destino: São Paulo. ComCiência, dossiê 216_Refugiados.. Abr/2020. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/destino-sao-paulo/>>

RATHSAM, Luciana. As tecnologias educacionais não devem manter o destino a distância. ComCiência, dossiê 220_Virtualização. Set/2020. Disponível em <<https://www.comciencia.br/as-tecnologias-educacionais-nao-devem-manter-o-ensino-a-distancia/>>.

RATHSAM, Luciana; TORRES, Raquel. Embora essenciais, testes não garantem o controle da epidemia, dizem cientistas em webinar. Abr/2020. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/embora-essenciais-testes-nao-garantem-controle-da-epidemia-dizem-cientistas-em-webinario/>>

RATHSAM, Luciana. A educação básica exige cuidados que vão muito além da quarentena. Jul/2020. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/a-educacao-basica-exige-cuidados-que-vaio-muito-alem-da-quarentena/>>

MAGRINI, Leandro; RATHSAM, Luciana; ALVES, Vinícius. O uso dos testes para Covid-19 no enfrentamento da pandemia no Brasil. SET/2020. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus-covid-19/o-uso-dos-testes-para-covid-19-no-enfrentamento-da-pandemia-no-brasil/>>

4. REFERÊNCIAS

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 209-224, Aug. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200209&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Feb. 2021.

CECCARELLI, Leah. Manufactured Controversy. SSNet Seminar, 20 October 2008, University of Washington. Disponível em: <https://depts.washington.edu/ssnet/archive/handout_102008.pdf>. Acesso em 04 fev. 2020.

CAMARGO JÚNIOR, Kenneth R. de; COELI, Claudia M. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30 p. e300203, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/physis/v30n2/0103-7331-physis-30-02-e300203.pdf>>. Acesso em 04 fev. 2020.

CAMARGO JÚNIOR, Kenneth. R. de. Para defender a ciência, é necessário torná-la acessível, inteligível e significativa. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28(2), e280202, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/physis/v28n2/pt_0103-7331-physis-28-02-e280202.pdf>. Acesso em 04 fev. 2020.

CASTELFRANCHI, Yurjj. Ataques à ciência são ataques à democracia. [Cobertura de evento de jovens cientistas em 11 de ago. 2019 na Academia Brasileira de Ciências}. Disponível em: <<http://www.abc.org.br/2019/12/03/ataques-a-ciencia-sao-ataques-a-democracia/>>. Acesso em 8 fev. 2021.

CASTELFRANCHI, Yurjj. Pesquisadores da UFMG lançam força-tarefa de divulgação científica sobre o coronavírus. [Entrevista publicada em 10 de abril de 2020 no site do Instituto de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)]. Disponível em: <<https://www.ica.ufmg.br/?noticias=pesquisadores-da-ufmg-lancam-forca-tarefa-de-divulgacao-cientifica-sobre-o-coronavirus>>. Acesso em 8 fev. 2021.

CEPEDISA-USP; CONECTAS. “Mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil”. Boletim Direitos na Pandemia, vol. 3, 2020c. Disponível em: https://www.conectas.org/wp/wp-content/uploads/2021/01/Boletim_Direitos-na-Pandemia_ed_10.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

DIETHELM, Pascal; MCKEE, Martin. Denialism: what is it and how should scientists respond? The European Journal of Public Health, v. 19, n. 1, p. 2-4, 2009. Disponível em: <<https://academic.oup.com/eurpub/article/19/1/2/463780>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

DOURADO, Tatiana. Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil. 308f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/31967>>. Acesso em 9 fev. 2021.

GUITAHY, Leda. O ecossistema da desinformação. [Entrevista concedida a] Gabriela Villen. Portal da Unicamp, 20 Ago. 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/20/o-ecossistema-da-desinformacao>>. Acesso em 8 fev. 2021

LIMA, C. R. M.; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, N.; MORAES, D.; GRINGS, L.; MAIA, M. R. Emergência de saúde pública global por pandemia de covid-19. **Revista Folha de Rosto**, v. 6, n. 2, p. 5-21, 2020. Disponível em: <10.46902/2020n2p5-21>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS), Organização Mundial da Saúde (OMS). Repositório Institucional para Troca de Informações – Iris. Fichas

Informativas COVID-19: Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em 8 fev. 2021.

SABINO, Juliana L. M. F.; DAVID-SILVA, Giani; PADUA, Flávio L. Cardeal. O potencial da imagem televisiva na sociedade da cultura audiovisual. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo , v. 39, n. 2, p. 65-80, Aug. 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442016000200065&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 Fev. 2021.

SCHALL, Brunah; FERNANDES, Victor; CASTELFRANCHI, Yuri. “Não estou aqui para discutir aspectos religiosos”: a defesa do criacionismo com argumentos tecnocientíficos. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro , v. 39, n. 3, p. 197-220, Dec. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000300197&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Fev. 2021.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe report 27, 1-107, 2017. Disponível em: <<https://rm.coe.int/information-disorder-report-version-august-2018/16808c9c77>>. Acesso em 8. Fev. 2021.

APÊNDICE 1 – Reportagem 1

Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância

“O negacionismo é sempre oportunista politicamente, incoerente no plano das ideias e interessado em justificar, cegamente, uma ação político-ideológica de um grupo que, via de regra, causa danos à coletividade mais ampla”, afirma o professor Marcos Napolitano.

Durante a pandemia do Covid-19, o negacionismo no Brasil tomou proporções alarmantes, manifestando-se na negação ou minimização da gravidade da doença, no boicote às medidas preventivas, na subnotificação dos dados epidemiológicos, na omissão de traçar estratégias nacionais de saúde, no incentivo a tratamentos terapêuticos sem validação científica e na tentativa de descredibilizar a vacina, entre outros exemplos. O negacionismo acentua incertezas, influencia na adesão da população aos protocolos de prevenção, compromete a resposta do país à pandemia e ameaça a democracia.

“O negacionismo vai além de um boato ou *fake news* pontual. É um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação. Essa atitude sistemática e articulada de negação para ocultar interesses político-ideológicos muitas vezes escusos, que tem sua origem nos debates do Holocausto, é inédita no Brasil”, afirma Marcos Napolitano, professor de História do Brasil Independente e docente-orientador no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (USP).

Os negacionismos (neonazismo, criacionismo, terraplanismo, entre outros) podem ser motivados por interesses diversos e os grupos de negacionistas são distintos entre si, mas têm características em comum, como o oportunismo político e a incoerência, destaca Yuriy Castelfranchi, professor do departamento de sociologia e antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em alguns casos ocorre uma dissociação cognitiva: as evidências e fatos entram em choque com valores ou crenças subjetivas, então o negacionista seleciona uma narrativa alternativa para explicar a realidade. Nesse contexto, a coerência torna-se irrelevante. Um exemplo disso é o modo como os discursos negacionistas em relação à pandemia foram se modificando: no começo, os negacionistas diziam que a Covid era uma farsa, uma “gripezinha”. Depois, admitiram a existência da doença, mas negaram a sua gravidade e criaram teorias conspiratórias, atribuindo aos chineses a criação do coronavírus, como uma suposta arma biológica. O mesmo fenômeno foi verificado em relação às formas de prevenção da doença. “Quem nega as evidências, continuará negando e ajustando a história *ad hoc* a cada momento”, pontua Castelfranchi. “A ignorância não

é causa do negacionismo, mas sua consequência, e fabricada propositalmente. É uma construção articulada por pessoas que possuem altíssima informação e meios sofisticados de produzir comunicação e que constroem espaços seletivos, no qual grupos enormes de pessoas são expostas à desinformação”.

Falsas controvérsias e inverdades convenientes

Muitas questões sobre o Covid-19 têm sido alvo de dúvidas e debates entre especialistas, o que é natural no processo de construção do conhecimento científico. O negacionismo, por sua vez, nega evidências e simula controvérsias onde na verdade há consenso. “É preciso distinguir entre o pensamento crítico no campo das ciências e a formulação negacionista no plano da opinião pública”, adverte Napolitano.

O livro *Merchants of doubt* (Mercadores da dúvida), de Naomi Oreskes e Erik Conway, expõe como a opinião pública pode ser manipulada a partir de falsas controvérsias e é uma referência obrigatória sobre essa questão. A negação dos malefícios do tabagismo e o negacionismo ambiental são alguns exemplos trazidos pelo livro de como a estratégia negacionista pode servir a interesses econômicos e políticos. “O negacionismo não é mero sinônimo de desinformação nas sociedades. Na verdade, é resultado de disputas de grupos de interesse que procuram exatamente camuflar suas motivações e ganhos, inventando controvérsias científicas e falta de consensos na ciência, mesmo nos casos em que eles inexistem, para atravancar a sua efetivação em políticas, ou para direcioná-las em conformidade aos seus interesses”, esclarece a professora Dominichi Miranda de Sá, do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (DEPES) da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Para Napolitano, o negacionismo está ligado a amplos grupos sociais que não se sentem representados pelos arranjos políticos e econômicos dominantes no mundo globalizado e que julgam que as instituições sociais consolidadas - imprensa, universidades, sistemas políticos, organismos de governança internacional - são controladas por interesses econômicos dos poderosos. “Note que eles partem de uma percepção crítica que em si não é descabida, embora genérica demais - a influência do poder econômico ou político no "sistema" - para negar as bases culturais e institucionais das democracias modernas. São grupos fundamentalmente

conservadores, baseados em valores diversos - religiosos, identitários, étnicos, nacionalistas - manejados por líderes políticos oportunistas, mas que oferecem uma sensação de pertencimento e um conjunto de soluções simplórias para "melhorar" o mundo".

Ameaça e resistência

Negacionismo, teorias conspiratórias e pseudociência são estratégias típicas de governos autoritários. "O negacionismo destrói a confiança das pessoas nas instituições democráticas e atinge diretamente o debate racional, a argumentação e a escuta, portanto representa uma ameaça à democracia", defende Castelfranchi. Na Alemanha nazista, o negacionismo levou à rejeição de qualquer ciência produzida por judeus, como a teoria da relatividade de Einstein. No regime stalinista, as ideias evolucionistas foram descartadas por seu "caráter burguês".

Ainda que as instituições democráticas estejam sob ataque sistemático no Brasil, a visão dos brasileiros em relação à ciência é predominantemente positiva. O próprio discurso negacionista reconhece o poder da ciência quando utiliza argumentos técnico-científicos ou quando busca atribuir a algum cientista uma determinada ideia, observa Castelfranchi. "Mas claro, o movimento é grande e perigoso, e conta com armas poderosas, como o funcionamento da desinformação na internet".

O Brasil possui vasta experiência no enfrentamento de epidemias e a reconhecida expertise em pesquisas e práticas relacionadas à Saúde Pública. As epidemias estiveram na origem da criação de algumas importantes instituições, como o Instituto Butantã em São Paulo e do Instituto Soroterápico no Rio, atual Fiocruz, criados para a produção de vacina e soro contra a peste bubônica, que chegou ao Brasil na virada do século 19 para o século 20. "As instituições se diversificaram muito depois de seus anos iniciais e têm realizado, há 120 anos, contribuições seminais à pesquisa, ao ensino e à produção de imunobiológicos no país, e não apenas nas ocasiões de irrupção de emergências. Atualmente, como acompanhamos todos, é graças à conjunção de sua expertise histórica no enfrentamento de crises sanitárias com suas múltiplas áreas de atuação, da pesquisa médica à produção de medicamentos e vacinas, que temos, com ambas, a nossa única chance de imunização em grande escala contra a Covid-19 no Brasil", considera Miranda de Sá,

e acrescenta: “Os cientistas não têm se furtado ao seu compromisso com o país, como temos visto. E a pandemia aumentou muito o interesse social na ciência. O grave é que sofra boicote, inclusive por autoridades públicas no Brasil.”

APÊNDICE 2 - Reportagem

Cientistas estudam a produção da ignorância e unem esforços para combatê-la

Estudos sobre os impactos da desinformação e iniciativas de divulgação científica buscam reduzir os danos sociais das mídias digitais e aprimorar o uso dessas ferramentas de comunicação.

A pandemia de impulsionou uma intensa produção de publicações científicas no mundo todo. Conforme [um levantamento](#) a partir das informações da plataforma Dimensions, realizado pela Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA), até o dia 17 de outubro de 2020 haviam sido produzidas e registradas 168.546 publicações sobre Covid-19. Paralelamente, a ciência também se dedicou à compreensão e ao enfrentamento de outra ameaça, que se propaga exponencialmente pelas redes sociais: a desinformação.

A desinformação é um conceito que extrapola o significado de “fake news”. Embora amplamente difundido, o termo ‘fake news’ é considerado ambíguo ou impreciso por alguns autores. Para examinar a complexidade da desordem da informação são estabelecidos critérios de classificar as mensagens, como o modelo proposto por Wardle e Derakshan (2017), que diferencia a desinformação (“dis-information”), criada propositalmente para prejudicar um indivíduo, um grupo, uma organização ou uma nação, a informação errada (“mis-information”), que é produzida sem a intenção de provocar danos, e a informação maliciosa (“mal-information”), que embora seja baseada em fatos, é divulgada na esfera pública para causar prejuízos a uma pessoa, organização ou país.

O Grupo de Estudos da Desinformação em Redes Sociais (EDReS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento para tentar entender e reduzir os efeitos da desinformação

sobre a sociedade. “Estamos trabalhando no limite entre o conhecimento acadêmico formal e as suas aplicações”, explica Leandro Tessler, integrante do EDRoS e professor do Instituto de Física da Unicamp. No início da pandemia, o grupo criou um canal no Whatsapp para receber notícias falsas disseminadas pelas redes sociais, formando um extenso banco de dados. “A análise de dados depende do estudo que está sendo feito. Pode ser intensiva, com a participação humana (assistir muitos vídeos sobre um assunto) ou mais baseada em máquina (correlacionar todos os tuítes sobre vacinas em língua portuguesa num determinado intervalo de tempo)”. Um dos objetivos dos estudos é classificar as notícias e compreender como elas evoluem no tempo. Em geral, as notícias analisadas classificam-se em 3 grandes grupos, relacionados à minimização da gravidade da doença, às teorias conspiratórias e à negação das vacinas, destaca Tessler. “Dentro de cada grupo há variantes. Na verdade, há toda uma hierarquia de desinformação, quase dá para fazer uma classificação filogenética”.

Em Maceió, uma pesquisa coordenada por Priscila Muniz de Medeiros, professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) busca estudar a influência da desinformação sobre a pandemia de covid-10 nas atitudes e comportamentos da população. Com base nas informações de oito agências de checagem, o estudo fez uma cartografia das notícias falsas que circularam no País entre março e outubro de 2020. O próximo passo, diz a pesquisadora, é entender como essas notícias impactaram os esforços de contenção do vírus. Os dados já analisados indicam que as notícias falsas buscam ajustar os fatos à visão de mundo do grupo político que as está propagando “As notícias falsas operam no sentido de conservar para aquele grupo a narrativa do herói infalível, o mito, o salvador, que nunca erra. Ao mesmo tempo que qualquer um que se oponha ao herói se torna antagonista nessas narrativas ficcionais. A manutenção dessa coerência narrativa é essencial para a conservação do amálgama que une o grupo”, avalia Medeiros.

A fraqueza das instituições fortalece a ignorância

A desinformação e o negacionismo (versão articulada e institucionalizada da desinformação), não se restringem ao Brasil. Em parceria com colegas da Columbia University e da University of Vienna, o pesquisador Renan Leonel, pós-doutorando no Health Ethics and Policy Lab da ETH Zurich, Suíça, busca analisar e comparar os efeitos da produção da ignorância e do negacionismo sobre o

enfrentamento da pandemia de Covid-19 no Brasil, nos Estados Unidos e no Reino Unido. O grupo selecionou os principais jornais impressos dos três países e levantou mais de 36 mil artigos relacionados ao tema de interesse. Ferramentas computacionais permitiram identificar quais palavras-chaves apareceram com mais frequência nos jornais por período da pandemia e revelaram que os discursos negacionistas se concentraram, num primeiro momento, em desqualificar o conhecimento sobre a transmissão do vírus. No período entre as duas ondas da pandemia, a circulação em espaços públicos e a reabertura de estabelecimentos comerciais ganha atenção, e quando a vacina se tornou realidade, passou a ser o alvo do negacionismo. Em relação às particularidades dos discursos negacionistas no país, Leonel aponta que as notícias da mídia brasileira deram maior ênfase à questão dos medicamentos sem eficácia comprovada e também à polêmica da reabertura do comércio para a retomada da economia.

Comparando a situação do Brasil e dos EUA, Leonel ressalta a importância das instituições democráticas para redução dos efeitos do negacionismo. Apesar do discurso negacionista de Trump, órgãos e instituições estadunidenses seguiram seus projetos na pandemia, o Congresso aprovou medidas de estímulo à economia, as vacinas foram produzidas. “No caso do Brasil, faltou uma infraestrutura de ciência articulada com os instrumentos democráticos e que pudesse dar conta de um caminho alternativo. Nossas instituições já estavam muito enfraquecidas e infelizmente o nosso Congresso Nacional também compartilhava grande parte das percepções negacionistas do Presidente da República, então o caos político no Brasil alcançou um nível muito superior e a adesão à desinformação foi muito maior do que naqueles países.”

Iniciativas de combate à desinformação

A resposta à pandemia no Brasil não se destaca apenas pelas falhas políticas, mas também por manifestações e iniciativas promovidas por grupos da sociedade civil para garantir o acesso à informação de qualidade. Cientistas de todo o país concentraram esforços para criar espaços de comunicação em plataformas e redes sociais, promoveram webinários e conferências, dedicaram-se à checagem de mensagens que circulavam na internet. O site [ciência popular](#), que mapeia algumas iniciativas das universidades brasileiras na pandemia, registrava a ocorrência de 535

iniciativas de disseminação de informações e divulgação científica em 15 de março de 2021.

Referência de iniciativa independente no combate à desinformação, o [Observatório Covid-19 BR](#) reúne 85 pesquisadores associados a 28 instituições e fornece dados atualizados, análises estatísticas e previsões sobre a pandemia. Pesquisadores e instituições também se organizam em coletivos e redes de divulgação e combate à desinformação, como a [Rede Nacional de Combate à Desinformação](#) e [#TodosPelosVacinas](#), da qual o Observatório faz parte. “O trabalho do Observatório é voluntário, não há aporte de nenhum meio. Pretendemos, no futuro, manter o grupo multidisciplinar de análise de questões que envolvem a saúde pública e seus impactos sociais e continuar a atuar na proposição de políticas públicas baseadas em evidências”, diz Flavia Ferrari, bióloga co-responsável pela divulgação científica do Observatório Covid-19 Br.

A ampliação dos canais de comunicação entre ciência e sociedade é uma tendência importante. “De fato, o ambiente digital é hoje o principal ambiente disseminação da desinformação, mas também é o espaço onde as pessoas buscam conhecimento e informação qualificada, então uma estratégia de comunicação eficaz deve ser forte no ambiente online”, reflete Leonel. “O grande desafio que percebo é o de manter os ganhos trazidos pelas mídias digitais, especialmente no que concerne a ampliação de vozes no debate público, mas reduzindo os enormes danos sociais que os aspectos negativos vêm promovendo”, conclui Medeiros.

APÊNDICE 3 - Reportagem 3

Negacionismo e a política de desvalorização da ciência

Negacionismo e desmonte da ciência comprometem a superação da crise e o desenvolvimento em prol de uma sociedade mais justa, inclusiva e ambientalmente sustentável.

A desinformação e o negacionismo científico no Brasil extrapolam o discurso, são propagados por autoridades e órgãos de governo e são custeados por

verbas públicas. Além do sistemático boicote às medidas de prevenção contra a Covid-19 preconizadas pela ciência, o governo insistiu num suposto “tratamento precoce” da doença e investiu maciçamente nessa ideia. Um [levantamento da BBC News Brasil](#), feito a partir de fontes públicas, aponta que a União teria gasto, no mínimo, uma quantia torno R\$ 90 milhões com medicamentos cuja eficácia e segurança já haviam sido contestadas por [estudo científico](#) publicado em meados de 2020. Ignorada pelas políticas públicas e sofrendo cortes orçamentários vertiginosos, a ciência brasileira enfrenta hoje uma condição agonizante, e o futuro do país depende da reversão desse quadro crítico.

Mesmo antes do surgimento da pandemia, o governo federal exibia um discurso de negação da ciência e dos direitos humanos, fazia declarações imbuídas de preconceitos de gênero e raça, exaltava as práticas de tortura na ditadura. Há um esforço concentrado em legitimar o uso da violência como forma de gestão pública, com ampla defesa das “pautas de costumes” e da pauta neoliberal da economia. “As ditas “pautas dos costumes” naturalizam as desigualdades injustas e as hierarquias entre os que devem gozar de direitos e aqueles aos que esses direitos podem ser negados, aqueles que de acordo a Gustavo Vallejo, se caracterizam por suas *ciudadanias incompletas*”, esclarece Sandra Caponi, professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Todos esses elementos, que já estavam presentes antes da aparição da pandemia, têm possibilitado a aceitação, fundamentalmente no núcleo firme de apoiadores do governo, de um longo processo de negação dos conhecimentos científicos, tendo como resultado a pior gestão mundial da pandemia de Covid-19, de acordo ao estudo realizado pelo [Lowy Institut de Sidney](#).”

Precarização do trabalho e vulnerabilidade

Na pandemia, a crise sanitária foi agravada pelo negacionismo e pela falta de uma política nacional de proteção às populações mais vulneráveis, como os trabalhadores precarizados, que são privados de direitos laborais e sindicais para ingressar no “empreendedorismo”, conforme prega a lógica neoliberal. Esse modelo, observa Caponi, condena muitas pessoas à doença e à morte, enquanto promove o enriquecimento de alguns setores. “Por um lado, o neoliberalismo exalta o modelo laboral do empresário de si e, por outro lado, desenha uma nova configuração política e econômica que transforma o modo de administração e gestão da vida: sem deixar

de ser eixos de intervenção e controle dos governos, a vida e a saúde passaram a transformar-se em assuntos que são de nossa responsabilidade individual”, destaca a professora.

Empresários de si e responsáveis pela gestão da saúde, os cidadãos brasileiros foram repetidamente estimulados, pela desinformação das redes e pelo próprio exemplo de autoridades públicas, a descumprirem as regras de distanciamento social e seguirem com suas atividades habituais. A ideia de um tratamento precoce que pudesse evitar as complicações da Covid-19 parece oportuna nesse contexto, pois oferece uma falsa segurança de que tudo está sob controle.

Desfinanciamento da ciência

A desvalorização da ciência é particularmente nociva quando os recursos públicos para a pesquisa e desenvolvimento de ciência e tecnologia tornam-se cada vez mais escassos. Desde 2015, o orçamento disponível para a Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) tem sofrido uma queda vertiginosa. A proposta orçamentária para o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) em 2021 é 34% menor do que em 2020. Em 3 de março de 2021, 11 Ex-Ministros de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovações assinaram um [Manifesto em Defesa da Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação](#), onde expõem os riscos de descontinuidade de programas estratégicos e de colapso das instituições, com impactos severos sobre a economia, a sustentabilidade ambiental e a equidade social: “Enquanto países desenvolvidos reforçam suas políticas de CT&I, em face da contribuição essencial destas para retomada do crescimento sustentável e equânime, caminhamos a passos largos na direção do obscurantismo - mediante a negação da ciência, recuo na formação de recursos humanos e declínio da inovação no setor produtivo”.

Os cortes nas verbas destinadas à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) se agravaram com a promulgação da Emenda Constitucional EC-95/2016, que criou o Teto de Gastos e congelou o orçamento de áreas estratégicas para o país, como a ciência, a tecnologia, a saúde, a educação e as políticas sociais. “Com isso, o Congresso e o presidente da época (Michel Temer) congelaram os valores de investimentos das futuras gestões; ainda que o PIB crescesse, estaríamos presos aos valores de 2016. A única coisa que está a salvo do congelamento é o pagamento de juros e amortização da dívida pública, ou seja, o setor financeiro. Hoje vemos o retrato

da decadência promovida por essa Emenda.”, afirma Claudia Linhares Sales, professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e diretora da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

As políticas de cortes de gastos públicos em setores como a ciência, a educação e a saúde, têm estreita relação com o ideário neoliberal de reduzir o papel do Estado e reforçar o setor privado da economia, através de estratégias como a desregulamentação, a privatização e a austeridade fiscal. “A política de austeridade fiscal tem impacto distributivo fortemente negativo, pois piora a distribuição de renda e as condições de acesso de bens e serviços públicos essenciais”, explica Ana Lúcia Gonçalves da Silva, professora do Departamento de Teoria Econômica do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp). Como a carga tributária brasileira se apoia fortemente em impostos indiretos (sobre o consumo), os pobres pagam proporcionalmente mais impostos do que os ricos. Nesse contexto, os gastos sociais têm papel decisivo para a redução das desigualdades sociais. “Em resumo, caberia enfrentar o duplo desafio de tornar a política tributária menos regressiva e fortalecer as políticas públicas, ampliando os gastos sociais”, esclarece.

A crise econômica agravada pela pandemia coloca em xeque o modelo econômico adotado pelo governo. “A política de desmonte da ciência revela uma falta de vontade política e uma falta de visão em relação ao papel da ciência de gerar bem-estar e riquezas. Nenhum país soberano abre mão da educação, da ciência, da tecnologia e da inovação. Nosso governo não aplica os esforços nessas áreas porque não tem um projeto de nação desenvolvida, soberana e justa”, destaca Linhares. “De fato, mundo afora o combate aos efeitos econômicos e sociais da crise constitui uma das operações fiscais mais ousadas da história recente do capitalismo. Mesmo instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial recomendam aos países ampliar fortemente os gastos com ciência e saúde e buscar medidas de apoio aos mais vulneráveis, não apenas para combater a pandemia, mas também como forma de minimizar seus efeitos sociais e econômicos”, acrescenta Gonçalves da Silva.

APÊNDICE 4 - Roteiro

Título	Negacionismo – <i>teaser</i> <i>Link da animação:</i> https://www.youtube.com/watch?v=6LkblZewfKY)
Roteiro	Luciana Rathsam
Produção	< - >
Data	24/12/2020
Animação em <i>motion</i> , com trilha, sem locução.	

VÍDEO	TEXTO
#01	
<i>Fade</i> <i>in</i> Trilha Frase “É só uma gripezinha” preenche a tela. (Usar fonte de escrita, diferenciada do restante do vídeo, pois se trata de uma afirmação negacionista) <u>Transição</u>	É só uma gripezinha.
#02	
Imagem de um cemitério com lápides. <u>Transição</u>	
#03	
Imagem de um jornal estampando a manchete: “Covid-19 avança pelo País”. <u>Transição</u>	
#04	
Placa de direções com <u>3 sinais à esquerda</u> (cada uma indicando: EVIDÊNCIAS, FATOS e RAZÃO) e um sinal <u>à direita</u> indicando NEGACIONISMO)	A recusa de aceitar eventos históricos

<p>A câmera desloca-se para a direita, deixando a placa de NEGACIONISMO à esquerda da tela. Ao lado da placa forma-se o texto:</p> <p>A recusa de aceitar eventos históricos</p> <p>Abaixo do texto aparece uma placa com a palavra DITADURA, que é apagada e em seu lugar forma-se a palavra MOV. DE 64</p> <p>Paralelamente, a palavra “eventos históricos” é sobretachada.</p>	
#05	
<p>Mantendo a placa de NEGACIONISMO à esquerda da tela.</p> <p>A sentença “A recusa de aceitar eventos históricos” é completada com “e evidências científicas”</p> <p>Abaixo do texto aparece uma placa com a palavra COVID-19, que é apagada e em seu lugar forma-se a palavra GRIPE</p> <p>Aplicar destaque nas letras das palavras “evidências científicas”, randomicamente.</p> <p>Completa-se a sentença: A recusa de aceitar eventos históricos e evidências científicas não é novidade.</p> <p>A fonte das palavras “não é novidade” são trocadas freneticamente.</p> <p><u>Transição</u></p>	<p>e evidências científicas não é novidade.</p>
#06	
<p>Entra em cena a sentença:</p> <p>Muitas vezes, o negacionismo é financiado por grandes corporações.</p> <p>Animar a palavra “grandes”, para que ocupe a tela toda.</p>	<p>Muitas vezes, o negacionismo é financiado por grandes corporações.</p>
#07	

<p>Deslocar a palavra anterior e inserir a frase: Como fez a indústria do tabaco, para negar os malefícios do cigarro. Um efeito de fumaça cobre os “malefícios do cigarro” e depois a tela inteira.</p>	<p>Como fez a indústria do tabaco, para negar os malefícios do cigarro.</p>
#08	
<p>Um efeito de vento desloca a fumaça e aparece abaixo o texto: As mudanças climáticas também são negadas. (animar as letras de mudanças climáticas, trocando e voltando suas posições originais). A tela cobre-se novamente com fumaça.</p>	<p>As mudanças climáticas também são negadas.</p>
#09	
<p>Sobre a fumaça aparecem a sentença: Apesar de toda a fundamentação científica. As letras da sentença caem, uma a uma, como gotas de chuva. A tela desloca-se para baixo, uma floresta em fogo abaixo da fumaça. <u>Transição</u></p>	<p>Apesar de toda a fundamentação científica.</p>
#10	
<p>Em tela surge a sentença: A vacina é mais um alvo de negacionismo. Animar o texto “é mais um alvo de negacionismo”, para que forme círculos concêntricos, como um alvo. O alvo é derrubado, restando apenas “a vacina”.</p>	<p>A vacina é mais um alvo de negacionismo.</p>
#11	
<p>A sentença é completada: A vacina erradicou doenças como a poliomielite Animar a palavra “poliomielite” para que forme uma gota e caia.</p>	<p>A vacina erradicou doenças como a poliomielite</p>

#12	
<p>No lugar da palavra poliomielite, escrever varíola, que matou mais de 300.000.000 de pessoas no século XX.</p> <p>Animar o número, para destacá-lo.</p> <p><u>Transição</u></p>	<p>A vacina erradicou doenças como a varíola, que matou mais de 300.000.000 de pessoas no século XX.</p>
#13	
<p>Surge em tela o texto:</p> <p>Estamos em crise</p> <p>A letra S aparece da esquerda como um traço e movendo-se como cobra, para completar a frase:</p> <p>Estamos em criseS</p>	<p>Estamos em crises.</p>
#14	
<p>A palavra crise balança e “cai”, ficando na vertical.</p> <p>As palavras a seguir aparecem em tela, como um mosaico. Animar, colocando algumas palavras com orientações distintas (horizontal/vertical) e girando a câmera para acompanhar a leitura enquanto a palavra se forma:</p> <p>crises política e econômica, pandemia, desemprego fome, violência, preconceito, desinformação</p> <p><u>Transição</u></p>	<p>crises</p> <p>política e econômica</p> <p>pandemia</p> <p>desinformação</p> <p>desemprego</p> <p>fome</p> <p>preconceito</p> <p>violência</p>
#15	
<p>Surge em tela a sentença:</p> <p>Precisamos encarar os fatos</p> <p>Animar “os fatos”, com efeito de lupa sobre as letras.</p> <p>Abaixo da sentença anterior, forma-se outra:</p> <p>e buscar soluções.</p> <p>O cedilha de soluções transforma-se em um anzol e “puxa” a próxima tela.</p>	<p>Precisamos encarar os fatos e buscar soluções.</p>
#16	

<p>No centro da tela está a palavra políticas públicas. Outras palavras aparecem, formando um mosaico: Investimentos públicos, Saúde, Ambiente, Educação, Direitos Humanos, Inclusão, Democracia, Ciência <u>Transição</u></p>	<p>Investimentos públicos Saúde Ambiente Educação Direitos Humanos Inclusão Democracia Ciência</p>
<p>#17</p>	
<p>Forma-se em tela a sentença: Não seja manipulado pela desinformação. Animar a sentença, como sentença, como se cordas de marionetes suspendessem as sílabas. Em seguida, forma-se a sentença: Não caia na armadilha das fake news. Uma imagem de rede funde-se ao fundo de tela e suspende a sentença acima, revelando a sentença abaixo: #Vaccine-se! Trocar a sentença por #todos pelas vacinas. <u>Cartelas de créditos</u></p>	<p>Não seja manipulado pela desinformação. Não caia na armadilha das fake news. Vaccine-se!</p>